

MARIA HELENA ZIBIA, DIRECTORA EXECUTIVA DA CMA Agricultura sustentável é alternativa às secas cíclicas

FRANCISCO MANJATE

UM dos problemas que os camponeses praticantes da agricultura familiar enfrentam é a forte dependência ao sistema de sequeiro, ou seja, esperam a chuva para ter algo na machamba.

Entretanto, nos últimos 10 anos a Comunidade Moçambicana de Ajuda (CMA) tem introduzido técnicas inovadoras que visam operar mudanças nos métodos de produção. Centrando as suas ações a nível da província de Maputo, principalmente nos distritos da Manhiça, Boane e Namaacha, a CMA tem "pregado" o discurso da importância que a agricultura sustentável tem no seio das comunidades. Afinal, com recurso a produtos orgânicos possibilita que, mesmo em meios inóspitos e em períodos de seca prolongada, os camponeses possam produzir e conseguir retirar uma mínima produção para a sua alimentação. Existindo há 19 anos, esta organização actua no campo da sustentabilidade agrícola, uso de sementes melhoradas e gestão de recursos naturais. Em entrevista concedida ao "Notícias", a Directora-Executiva da CMA, Maria Helena Zibia fala sobre as actividades que têm desenvolvido nas diversas componentes agrícolas, reiterando que o maior objectivo é, nestes tempos difíceis



As comunidades do distrito da Manhiça praticam agricultura sustentável e obtêm melhores rendimentos

famílias a produzir para garantir, sobretudo, a segurança alimentar, diversificar a sua alimentação e só comercializar o excedente, caso exista. Transcrevemos, de seguida, os extractos mais significativos da entrevista.

NOTÍCIAS (NOT) – As secas que assolam ciclicamente o país penalizam, sobretudo, os agricultores do sector familiar, pois as chuvas são cada vez mais escassas, como resultado das mudanças climáticas. Como incentivar as comunidades a não desistirem das suas actividades?

MARIA HELENA ZIBIA (MHZ) – A nossa abordagem é mais no sentido transformador. Estamos a lutar para que os camponeses que desenvolvem a agricultura familiar possam adoptar tecnologias da produção agrícola inovadoras e passarem a praticar uma agricultura sustentável. Isto passa também por

cujos efeitos há muitos anos se fazem sentir, com grandes impactos nas nossas vidas. Então, usando uma agricultura sustentável e saber gerir os recursos naturais existentes na natureza, sobretudo nas suas áreas, poderemos ter comunidades fortes e a produzir para o seu sustento e também a comercializar o excedente para melhorarem as suas rendas familiares. A nossa preocupação não é somente no aspecto alimentar das comunidades, mas também queremos vê-las a melhorar as suas condições de vida, o que passa por terem capacidade de irem ao mercado e poder fazer aquisições.

NOT – Como começaram a trabalhar com estas comunidades na área da agricultura sustentável?

MHZ – No esforço de buscar melhores resultados na produção de hortícolas, sobretudo no período seco, que coincide com as estações frias, muitas comunidades co-

fora dos padrões aconselháveis. E muitos fizeram-no ao desbarato que destruíram a fertilidade desses solos. Então, quando chegava a época agrícola eles não conseguiam obter bons rendimentos, pois os solos já estavam saturados. É aí onde começamos a intervir, pois notamos que os adubos químicos eles usavam eram responsáveis pela degradação dos solos. Mas também estamos a dizer todos os dias às comunidades que não devem queimar o mato, não abatam árvores, não precisam recorrer aos métodos de corte e queima para abrir novos campos agrícolas devido aos efeitos negativos disso sobre os solos, principalmente.

NOT – Como aderiram aos programas de produção de adubos orgânicos e de que forma são produzidos?

MHZ – Conosco aprenderam a produzir adubos compostos, que são feitos de forma muito simples com recurso a produtos orgânicos



Maria Helena Zibia

de animais, água e areia. Ao fim de um ou dois meses, com estes materiais misturados conseguimos produzir o adubo. Depois de termos capacitados a fazer este tipo de adubos compostos notamos uma certa melhoria na sua produção. Aos poucos, muitos começaram a aderir a estas técnicas. Pensamos que esta é também uma forma de mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

NOT – Da avaliação feita, qual é o impacto destas medidas que estão a implementar nas comunidades?

MHZ – Quando fazemos avaliação notamos que este tipo de agricultura traz sustentabilidade para as famílias, primeiro porque melhora a qualidade das culturas, aumenta a quantidade da produção nas famílias – porque eles agora estão a produzir de uma forma que lhes permite ter produtos para o seu consumo e também para vender. Este é o desafio que nós temos, porque queremos ajudar nos esforços de redução da fome, primeiro, e da vulnerabilidade nas famílias.

Não distribuimos comida mas damos conhecimento

Entre machamba e criação de frangos

NOT – Para além do trabalho da machamba, têm estado a fazer outras actividades que sejam complementares a esta?

MHZ – Investimos também na criação de pintos, que são pequenos negócios. Isso deriva do facto de estarmos a trabalhar muito com mulheres que são mães solteiras e chefes de famílias. E nós encontramos uma vulnerabilidade intensa, por isso achamos que podíamos ter um projecto que pudesse apoiá-las na melhoria dos seus rendimentos. E um dos que pensamos rapidamente foi a criação de frangos. Primeiro capacitamos essas famílias para que aprendessem a saber gerir um pequeno negócio, como é possível obter lucros, mas também guardá-lo para poder ser replicado e ser uma renda maior para a sua família e também dividido pelas restantes pessoas que integram o grupo. Então, estrategicamente, integramos no projecto de agricultura esta componente de gestão de pequenos negócios.

NOT – Quantas pessoas beneficiam deste negócio?

MHZ – São no total 100 mulheres que temos no projecto, divididos em diversos grupos. Cada um tem um total de 200 pintos. No fim, elas vão dividir os lucros e reinvestir outro até que haja capacidade de cada um dos grupos ter um seu aviário. Assim, elas se dividem entre o trabalho da machamba e o da criação de frangos. Esta é uma alternativa que possa ajudar a apoiar no aumento da renda familiar. E estamos animados porque sentimos que elas valorizam isso e percebem que é possível sair da situação do ciclo de pobreza e da dependência das chuvas. Isso é bom, porque também contamos com o apoio do distrito da Manhiça.

NOT – Que desafios a CMA assumiu e quais são os planos do futuro?

MHZ – Queremos que estas mulheres possam ter o seu próprio aviário, o que passa por fazerem com que este negócio seja rotativo, como se de "xitique" se tratasse. Agora estamos a trabalhar com aviários emprestados, mas dentro de um ano queremos que elas nos apresentem um aviário delas. Mas, para poderem construir a sua própria infra-estrutura têm que aprender a poupar. Segundo, queremos ver as famílias a melhorar a sua prestação e renda. Quando começamos a actuar aqui encontramos situações de famílias que só tinham uma refeição por dia, mas agora já conseguem ter pelo menos duas, o que é muito bom.

NOT – Portanto, estaremos certos se dissermos que actuam também no campo da educação nutricional?

MHZ – O que nos anima, também, é vermos elas a diversificar o tipo de alimentos que consomem, portanto, começa a haver alguma preocupação com a qualidade de alimentos, isso é muito importante porque ajuda a combater a desnutrição crónica. A nossa preocupação não é simplesmente que as famílias trabalhem na machamba e vendam todo o excedente. Queremos que primeiro garantam a sua alimentação básica em casa, não morram à fome, possam alimentar devidamente os seus dependentes com base em alimentos bons, saudáveis e diversificados e possam colocar o excedente no mercado para permitir que obtenham um dinheiro a fim de adquirir o que não têm em casa. A educação nutricional é extremamente importante porque não basta terem muita produção enquanto não sabem se alimentar direito e não comem produtos com a qualidade necessária. Por isso, nas palestras que realizamos temos falado sobre a importância da nutrição.

Entretanto, nos últimos 10 anos a Comunidade Moçambicana de Ajuda (CMA) tem introduzido técnicas inovativas que visam operar mudanças nos métodos de produção. Centrando as suas acções a nível da província de Maputo, principalmente nos distritos da Manhica, Boane e Namaacha, a CMA tem "pregado" o discurso da importância que a agricultura sustentável tem no seio das comunidades. Afinal, com recurso a produtos orgânicos possibilita que, mesmo em meios inóspitos e em períodos de seca prolongada, os camponeses possam produzir e conseguir retirar uma mínima produção para a sua alimentação. Existindo há 19 anos, esta organização actua no campo da sustentabilidade agrícola, uso de sementes melhoradas e gestão de recursos naturais. Em entrevista concedida ao "Notícias", a Directora-Executiva da CMA, Maria Helena Zibia fala sobre as actividades que têm desenvolvido nas diversas componentes agrícolas, reiterando que o maior objectivo é, nestes tempos difíceis caracterizados pela alta de preços dos produtos básicos, apoiar as



As comunidades do distrito da Manhica praticam agricultura sustentável e obtêm melhores rendimentos

famílias a produzir para garantir, sobretudo, a segurança alimentar, diversificar a sua alimentação e só comercializar o excedente, caso exista. Transcrevemos, de seguida, os extractos mais significativos da entrevista.

NOTÍCIAS (NOT) – As secas que assolam ciclicamente o país penalizam, sobretudo, os agricultores do sector familiar, pois as chuvas são cada vez mais escassas, como resultado das mudanças climáticas. Como incentivar as comunidades a não desistir das suas actividades?

MARIA HELENA ZÍBIA (MHZ) – A nossa abordagem é mais no sentido transformador. Estamos a lutar para que os camponeses que desenvolvem a agricultura familiar possam adoptar tecnologias da produção agrária inovadoras e passarem a praticar uma agricultura sustentável. Isto passa também por saberem que é preciso aprender a lidar com as mudanças climáticas,

cujos efeitos há muitos anos se fazem sentir, com grandes impactos nas nossas vidas. Então, usando uma agricultura sustentável e saberem gerir os recursos naturais existentes na natureza, sobretudo nas suas áreas, poderemos ter comunidades fortes e a produzir para o seu sustento e também a comercializar o excedente para melhorarem as suas rendas familiares. A nossa preocupação não é somente no aspecto alimentar das comunidades, mas também queremos vê-las a melhorar as suas condições de vida, o que passa por terem capacidade de irem ao mercado e poder fazer aquisições.

NOT – Como começaram a trabalhar com estas comunidades na área da agricultura sustentável?

MHZ – No esforço de buscar melhores resultados na produção de hortícolas, sobretudo no período seco, que coincide com as estações frígidas, muitas comunidades começaram a usar adubos químicos

fora dos padrões aconselháveis. E muitos fizeram-no ao desbarato que destruíram a fertilidade desses solos. Então, quando chegava a época agrícola eles não conseguiam obter bons rendimentos, pois os solos já estavam saturados. É aí onde começamos a intervir, pois notamos que os adubos químicos eles usavam eram responsáveis pela degradação dos solos. Mas também estamos a dizer todos os dias às comunidades que não devem queimar o mato, não abatam árvores, não precisam recorrer aos métodos de corte e queima para abrir novos campos agrícolas devido aos efeitos negativos disso sobre os solos, principalmente.

NOT – Como aderiram aos programas de produção de adubos orgânicos e de que forma são produzidos?

MHZ – Conosco aprenderam a produzir adubos compostos, que são feitos de forma muito simples com recurso a produtos orgânicos como folhas secas, capim, esterco



Maria Helena Zibia

de animais, água e areia. Ao fim de um ou dois meses, com estes materiais misturados conseguimos produzir o adubo. Depois de termos os capacitados a fazer este tipo de adubos compostos notamos uma certa melhoria na sua produção. Aos poucos, muitos começaram a aderir a estas técnicas. Pensamos que esta é também uma forma de mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

NOT – Da avaliação feita, qual é o impacto destas medidas que estão a implementar nas comunidades?

Não distribuímos comida mas damos conhecimento

AS vossas acções estão concentradas nas famílias mais vulneráveis dos locais onde estão presentes?

MHZ – O nosso desafio é fazer com que as comunidades que estamos a assistir tenham uma melhor qualidade de vida e, por via disso, possam investir na sua própria família. Mas isso só vai ser possível se tiverem resultados positivos. A CMA continua atenta às famílias mais vulneráveis.

NOT – Será sustentável alimentar centenas de famílias, e depois, por quanto tempo conseguirão realizar isso?

MHZ – Nós não distribuímos comida de borla. Não é nossa filosofia andar a dar produtos, mas sim ensinamos como resolver os problemas que as comunidades têm, conferindo-lhes técnicas que lhes possibilitam produzir para a sua própria auto-suficiência. E o que acontece é que os próprios beneficiários já começam a preocupar-se em falar sobre os seus projectos a mais pessoas vulneráveis que depois também se aproximam para aprender os mecanismos de produção.

NOT – Portanto, há cada vez mais famílias que querem aprender convosco. Não recelam ter um número superior de beneficiários que depois não consigam responder aos seus pedidos?

MHZ – Se aumenta o número

MHZ – Quando fazemos avaliação notamos que este tipo de agricultura traz sustentabilidade para as famílias, primeiro porque melhora a qualidade das culturas, aumenta a quantidade da produção nas famílias – porque eles agora estão a produzir de uma forma que lhes permite ter produtos para o seu consumo e também para vender. Este é o desafio que nós temos, porque queremos ajudar nos esforços de redução da fome, primeiro, e da vulnerabilidade nas famílias.

aviário, o que passa por fazerem com que este negócio seja rotativo, como se de "xitique" se tratasse. Agora estamos a trabalhar com aviários emprestados, mas dentro de um ano queremos que elas nos apresentem um aviário delas. Mas, para poderem construir a sua própria infra-estrutura têm que aprender a poupar. Segundo, queremos ver as famílias a melhorar a sua prestação e renda. Quando começamos a actuar aqui encontramos situações de famílias que só tinham uma refeição por dia, mas agora já conseguem ter pelo menos duas, o que é muito bom.

NOT – Portanto, estaremos certos se dissermos que actua também no campo da educação nutricional?

MHZ – O que nos anima, também, é vermos elas a diversificar o tipo de alimentos que consomem, portanto, começa a haver alguma preocupação com a qualidade de alimentos, isso é muito importante porque ajuda a combater a desnutrição crónica. A nossa preocupação não é simplesmente que as famílias trabalhem na machamba e vendam todo o excedente. Queremos que primeiro garantam a sua alimentação básica em casa, não morram à fome, possam alimentar devidamente os seus dependentes com base em alimentos bons, saudáveis e diversificados e possam colocar o excedente no mercado para permitir que obtenham um dinheiro a fim de adquirir o que não têm em casa. A educação nutricional é extremamente importante porque não basta terem muita produção enquanto não sabem se alimentar direito e não comem produtos com a qualidade necessária. Por isso, nas palestras que realizamos temos falado sobre a importância da nutrição.

A nossa filosofia é ajudar a melhorar a renda familiar

DAS visitas efectuadas recentemente na zona de Taninga, no Posto Administrativo 3 de Fevereiro, no distrito da Manhica, e na zona Localidade de Xinavani viu-se o esforço das comunidades de querer fragilizar a pobreza, com trabalho abnegado. Esta é a filosofia?

MHZ – Na verdade viu-se mais a capacidade de trabalho e a animação que as comunidades do distrito da Manhica têm. Logo, é falso dizer que os camponeses que praticam agricultura familiar trabalham muito pouco ou que estas são preguiçosas. Concordamos que, elas estão a ganhar consciência, cada vez mais, de que o uso de materiais orgânicos no processo de cultivo pode trazer rendimentos. E hoje estão a levantar a bandeira, pois vêem que há resultados. Houve momentos que achavam que isso não daria nada, pois estavam habituados a usar produtos químicos nas suas actividades.

NOT – E permite-lhes poupar dinheiro...

MHZ – Com certeza. Sabem que não precisam gastar dinheiro

comprando adubos químicos. E essas verbas são direccionadas para outros fins. Esta é uma particularidade. A outra é que com recurso a adubos orgânicos os camponeses têm melhores resultados, no

sentido de que as hortícolas que nascem das suas hortas são de melhor qualidade, a quantidade é maior e, por essa via, podem não só tirar para o seu consumo como também tem sempre sobras para

vender. Ou seja, mais do que gastar dinheiro, eles poupam mais. E são esses valores que usam para investir noutras acções que beneficiam as suas famílias, aumentando a renda familiar, particularmente.



de famílias que nos pede apoios para ensinar-lhes a trabalhar e alcançar bons resultados, então é sinal de que estamos no bom caminho. E isso não nos alarma porque nós não estamos a distribuir comida, mas sim estamos a introduzir mecanismos de trabalho que possam ajudar as próprias famílias a saber trabalhar melhor. E para o projecto de agricultura sustentável temos um parceiro que é uma agência alemã, MISERV, que está a trabalhar conosco desde 2009. Começamos com eles, desenvolvendo um projecto de agricultura em dez escolas do distrito da Manhica. Já trabalhamos também com a Troqueia, em Namaacha e Boane. Quando começamos a ter a crise de cheias na província de Maputo, sobretudo no distrito da Manhica, decidimos concentrar nossos esforços aqui. E depois começamos a enfrentar secas.

NOT – Quantas comunidades beneficiam das acções que desenvolvem no distrito da Manhica, por exemplo?

MHZ – Neste momento estamos a trabalhar com 250 comunidades que consideramos serem beneficiárias directas, ou seja estas são as que contamos com elas em termos de assistência directa, provendo sementes, e onde colocamos um extensionista e um observador para ver de forma a trabalhar. Mas, temos também registado mais de 120 comunidades que estão a entrar, e não deixamos de apoiá-las. Estes são as beneficiárias indirectas, pois vêem e são capacitados por pessoas que foram aprender métodos de trabalho dentro das nossas áreas.

NOT – Qual é a sensibilidade destas comunidades quando falam do efeito combinado das mudanças climáticas e o seu

impacto nas suas vidas?

MHZ – O mais importante é fazer compreender estas famílias que parte dos problemas que temos, relacionados com a escassez de chuvas ou secas prolongadas ou ainda a variação no período e intensidade das chuvas está relacionado com as mudanças climáticas. E parte disso tem que ver com a maneira como nós lidamos com a natureza. A maneira como mexemos com as florestas ou tipo de agricultura que praticamos podem ser prejudiciais no futuro. Então, se perceberem que só usando os recursos de uma maneira sustentável, poderão reduzir os efeitos negativos das mudanças climáticas, isso vai ser benéfico para eles e para nós. E o que nos deixa feliz na CMA é vermos que o impacto do trabalho que estamos a realizar com as comunidades é muito positivo.

Matola - Tchumene 1

VENDE-SE esta casa na rua principal em frente a EN4 (WeetBank), ao lado da esquadra, dentro da rede (condomínio).

30 Milhões de meticais.
NB-Negociáveis

Contact: 84- 9115155/ 82
-7599780

